

ENTREVISTA

30 ANOS DE TEORIA & PESQUISA: ENTREVISTA COM PROF. JOÃO ROBERTO MARTINS FILHO

Barbara Lima¹

<https://orcid.org/0000-0001-6000-4159>

Mércia Alves²

<https://orcid.org/0000-0001-8008-6905>

Professor Titular Sênior do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de São Carlos, João Roberto Martins Filho é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Campinas (1993), tem como principal linha de pesquisa *Forças Armadas e Política*. É autor de diversos livros, como *Segredos de Estado: o governo Britânico e a tortura no Brasil, 1968-1976*, publicado pela editora Saggá em 2019.

O Professor João Roberto é um dos fundadores da Teoria & Pesquisa: Revista de Ciência Política, criada em 1992 vinculada ao extinto Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSCar. Hoje, a Revista está ligada ao programa de Pós-Graduação em Ciência Política da mesma instituição, e é avaliada como A3 na área de Ciência Política e Relações Internacionais no quadriênio 2017-2020.

Para celebrar os 30 anos do periódico conversamos com o Professor João Roberto sobre o seu contexto de fundação, as primeiras edições e colaboradores. Falamos também sobre o curso de Ciências Sociais da UFSCar e a biblioteca da Universidade que carrega em seu nome uma homenagem ao sociólogo Florestan Fernandes, e sobre o Arquivo Ana Lagoa³, que se dedica à coleta, organização e conservação de materiais da Ditadura Militar brasileira.

¹ Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). E-mail: barbaraclima@gmail.com

² Doutora em Ciência Política pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), professora substituta do DECP/UFPR. E-mail: merciaalves@gmail.com

³ <http://www.arganalagoa.ufscar.br/>

Entrevistadoras: Professor João Roberto, agradecemos pela disponibilidade. Começamos falando sobre o contexto de fundação e a ideia de criar a Revista Teoria e Pesquisa.

Prof. João Roberto Martins Filho: Eu não me lembro exatamente qual foi o ano. Vocês podem informar o ano da primeira edição? [**Entrevistadoras:** 1992] Então, antes de falarmos especificamente da Revista, talvez seja interessante situar a criação do curso de ciências sociais da UFSCAR. Nós não tínhamos ainda o curso de Ciências Sociais. Por incrível que pareça, nós tínhamos somente o mestrado em ciências sociais, mas era muito precário ainda. E se não fosse o sociólogo, um dos mais famosos da história da sociologia que é o José Albertino Rodrigues, nós não teríamos criado o curso de graduação em ciências sociais. Infelizmente, no primeiro ano do curso o Albertino faleceu em um desastre de automóvel não muito longe do campus⁴.

Nos primeiros dois anos da minha contratação, eu dava aula para os cursos da área de saúde e às vezes também para as engenharias. A UFSCar tinha um hábito muito saudável dos cursos de biologia e exatas terem aulas de humanas. Eu ministrava aulas de introdução à sociologia. No final de 1990 eu saí para fazer meu doutorado sanduíche, quando foi então criado o curso.

Terminado o doutorado sanduíche, eu voltei cheio de ideias. Estive na Universidade da Califórnia em *Riverside*, que não era um campus muito grande, mas as condições de trabalho eram inacreditáveis. A biblioteca tinha um milhão de livros naquela época, era muita coisa há 30 anos. E a biblioteca, tinha trinta mil livros sobre o Brasil, ou seja, a biblioteca de lá tinha muito mais livros sobre o Brasil do que a nossa.

A primeira coisa que decidi fazer foi melhorar as condições da nossa coleção na biblioteca. Em 1992 não me levavam muito a sério. Eu tinha uma aparência muito jovem e, somente fui levado a sério quando comecei a dar entrevistas para a EPTV. Aí eles perceberam que eu era professor.

Comecei a fazer visitas frequentes à biblioteca para ver se eles colocavam os livros que já tinham sido comprados. Era uma coisa muito modesta para quem vinha de um lugar que tinha um milhão de livros. Até que um dia a bibliotecária disse: a diretora mandou colocar todos os seus livros na estante. Eram 162 livros.

Daí para a frente me esforcei para comprar tudo o que pudesse, seja pela FAPESP⁵, ou com dinheiro que sobrava no final do ano. Outra outra coisa que nós pensamos, foi em criar uma Revista juntamente com o professor Fernando Azevedo⁶. Mas volto a dizer que era uma coisa extremamente modesta!

O dinheiro para financiar a Revista vinha do Departamento de Ciências Sociais. Eu fiz amizade, como acontece no Brasil, com o chefe da gráfica, o Wilson, e ele me garantia que a Revista seria impressa, mas era um parto.

No início alguns diziam "*mas que Revista mais modesta*". E eu respondia, "*se não fosse modesta não teria saído*". A Revista foi ficando um pouco melhor, lançando alguns artigos que até hoje são lidos. Eu me lembro que conseguimos dinheiro para lançar um número sobre o caso

⁴ José Albertino Rosário Rodrigues e sua esposa, a Docente do Departamento de Letras da UFSCar, Ada Natal Rodrigues, faleceram aos 64 e 61 anos respectivamente, vítimas de um acidente de carro no caminho para a Universidade em outubro de 1992. Dá nome ao centro acadêmico do curso de Ciências Sociais da UFSCar.

⁵ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

⁶ Fernando Antônio Farias de Azevedo é Professor Titular aposentado da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e professor emérito do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política (PPGPOL). É um dos fundadores da Revista Teoria & Pesquisa.

Alexandre Vannucchi Leme, um estudante que foi assassinado em 1973⁷. Acho que em 1993 ou 1998, um número especial sobre a morte dele. Ficou muito bonito, e eu fui fazer uma palestra de lançamento na USP.

Aí quando entrou o pessoal mais novo, realmente bem mais novo, Piero⁸, por exemplo, eles deram uma modernizada na Revista, e também já tínhamos mais recursos. A grande vantagem da Revista é que ela não perdeu periodicidade.

Eu lembro que uma vez um amigo até falou o seguinte: *"Mas João por que você fica trabalhando para os outros?"* É porque fazia parte, a gente estava se firmando, a gente estava criando um curso, estávamos a caminho de consolidar uma pós-graduação. As minhas primeiras orientações foram finalizadas por volta de 1995. E era uma Revista modesta, mas era um heroísmo conseguir manter a Revista.

O senhor consegue lembrar de alguns detalhes sobre a primeira edição? Como ela foi pensada? A temática, se vocês fizeram algum dossiê, quais foram os principais colaboradores nessa primeira organização?

A primeira eu não consigo, mas consigo me lembrar de dois artigos que saíram no começo, o artigo do Oswaldo Truzzi⁹ sobre sírios libaneses e um artigo sobre televisão e cultura. Saiu também um artigo de minha autoria sobre a crise de 1968, com documentos originais que eu pesquisei para minha tese de doutorado e que não foram publicados.

Tem uma coisa interessante daquela época. Aqui no Brasil tinha, não sei se tem ainda, um escritório da Biblioteca do Congresso Americano, com não sei quantos escritórios no mundo. Este escritório comprou exemplares da nossa Revista para repassar a universidades americanas. Cada número que saía, pelo menos 20 exemplares eram comprados. É inacreditável. Tem Teoria & Pesquisa completa lá em Washington, mas se você for procurar, não deve ter em nenhuma universidade brasileira.

No arquivo Ana Lagoa e na biblioteca nós temos a coleção completa, vocês podem consultar. Depois, com o tempo, ela passou a ser em formato menor, mais bonito. Não sei se eu consigo me lembrar de mais artigos, já passou muito tempo. E faz muito tempo que não vejo também a coleção da Revista.

Sobre o contexto de fundação da revista, como o senhor avalia o impacto da Teoria & Pesquisa no cenário de produção do programa de pós graduação, que inicialmente era em Ciências Sociais e depois para o programa de Ciência Política?

No começo, muito no começo, a Revista precedeu a consolidação do próprio programa. Serviu como um cartão de visitas para as pessoas perceberem que existia o nosso curso. Muitas

⁷ Alexandre Vannucchi Leme foi líder estudantil brasileiro assassinado durante a Ditadura Militar, a qual fazia oposição. É um dos casos investigados pela Comissão da Verdade, que tem por objetivo apurar as condições de mortes e desaparecimentos nos anos do regime.

⁸ Piero Leirner é professor titular na Universidade Federal de São Carlos para o curso de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

⁹ Sociólogo, Professor titular sênior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos e Pesquisador.

vezes eu fui em congresso que ninguém sabia que tinha o curso de Ciências Sociais na UFSCAR. A gente ia, por exemplo, nos congressos da LASA¹⁰ ou da BRASA¹¹.

Mas a lição que eu tiro disso, não é a questão da importância específica da revista. É que tudo tem um começo, alguém começou as coisas. Muitas vezes um colega chega com aquilo já consolidado e aí ele vê uma série de problemas, etc. e tal, problemas na biblioteca. Mas nós, quando começamos nós pusemos pelos menos 162 livros nas estantes.

Como o senhor avalia o processo de consolidação da Revista como meio de divulgação científica?

Eu acho que ela era mais um "órgão", vamos dizer assim, de um Programa de Ciências Sociais. Ela tinha artigos muito bons, mas ela não estava entre as revistas que geravam pontuação. Quando o Kike¹² assumiu a Revista ela se tornou um meio importante de publicação, principalmente para os alunos de pós-graduação. Mas logo depois houve uma cisão no departamento de Ciências Sociais da UFSCar, então ela acabou ficando com a Ciência Política e está aí até hoje. No começo ela pretendia dizer que a gente existia.

Nesse sentido, quais foram os principais desafios que a Teoria & Pesquisa enfrentou para se estabelecer?

O mais difícil era a gente conseguir verbas para a Revista. Então a gente fez o início de uma forma muito modesta. Entre não fazer e fazer com modéstia, a gente optou por fazer com modéstia.

A transição do papel para o digital vem cheia de novos desafios, mas ela também abre novas possibilidades, principalmente quanto ao alcance. Nós queremos saber como o senhor avalia essa transição, tanto os desafios quanto as novas conquistas.

É fantástico, não é? Você pode saber quantas pessoas estão lendo cada artigo. Você não tem mais esse problema de ter que comprar o papel, tinta, depender de gráfica. Seria um sonho em 1992! Em 1991 eu tive o primeiro computador, e para vocês terem uma ideia, tinha 80 megabytes de HD.

Como os artigos chegavam? Vocês entravam em contato com os autores pedindo para submeterem artigos para a revista?

Era mais ou menos assim. Não havia um sistema ou chamadas para selecionar os artigos. A gente de certa maneira, procurava publicar um artigo de alguém da casa e um de alguém de fora. Era mais uma seleção por convite, não era uma seleção feita a partir de uma chamada.

¹⁰ Latin American Studies Association.

¹¹ Brazilian Studies Association.

¹² Luiz Henrique de Toledo é antropólogo, Professor titular no departamento de Ciências Sociais da UFSCar e do e no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da mesma instituição.

Cada um de nós publicava na sua área. Por exemplo, eu publiquei um artigo sobre as relações militares dos Estados Unidos. Então era mais ou menos assim, os artigos eram importantes na área de estudo de cada pesquisador.

Teve uma época que a gente se preocupava se o curso ia ser avaliado no guia do estudante da Revista Abril, pra vocês terem uma ideia de como eram as coisas.

Como o senhor avalia a experiência como colaborador e fundador da revista?

Eu reconheço que a Revista tinha uma importância mais local, mas para mim, pessoalmente, ela foi muito importante. Passei muito tempo revendo os artigos para que saíssem sem erro. Isso é uma coisa difícil, até o próprio que a gente publica se não tiver alguém para rever, se a gente não fizer essa revisão, passa muita coisa. Minha mulher fala que eu tenho TOC para a correção, para revisão é bom ter TOC. Lembro uma vez um artigo que falava sobre Judiciário, ele falava “na cidade de São Carlos”, e eu escrevi para a autora. No caso da cidade São Carlos ou comarca de São Carlos. Então, a gente tinha essa revisão com um alto padrão. E os artigos, em geral, saíam sem erros e muito bem revisados. As pessoas que publicaram ali, talvez pela primeira vez os seus primeiros artigos, vieram depois a se transformar em referências nas suas áreas.

O senhor mencionou quão inovadora foi a experiência aqui na UFSCar em relação à adoção de uma perspectiva multidisciplinar. Esta abordagem também estava presente no que diz respeito à Revista?

Em primeiro lugar eu fico muito contente em ver a Revista agora chegando a um patamar de excelência. Isso para mim já mostra que valeu a pena. Foi fantástica essa Revista não ter morrido no meio do caminho. Nisso nós tivemos um ganho mesmo.

Sobre a multidisciplinaridade. Na minha formação isso foi muito forte, porque nós tínhamos na Unicamp, um ano de curso básico. O Brasil, de certa maneira, seguiu o caminho americano da especialização. Por exemplo, um cientista político nos Estados Unidos se sente completamente estranho de ser chamado de sociólogo. Sociólogo é outra coisa completamente diferente e para a gente não era. Até hoje ainda se fala sociólogo. Então a Revista também refletia isso. Eu acho que a gente só tinha a ganhar com isso. Essa questão é muito falada, mas na verdade, o sistema não incentiva a multidisciplinaridade, premia a especialização.

Uma vez ouvi na Universidade de Oxford o pessoal conversando de que na época da geração que nos antecedeu, não existia ainda latino americanista, europeísta, existia internacionalista, que eram as pessoas que se preocupavam com as questões mundiais e tinham conhecimento. A tendência foi cada vez mais se especializar. Especializar tem suas vantagens, mas também é muito bom você dialogar com as várias áreas.

Nesse sentido, me lembro perfeitamente bem das reuniões que nós fizemos quando a gente imaginou o curso de ciências sociais. Quem imaginou foi o Albertino. Eu, na época era o único de Ciência política e depois veio o Fernando Azevedo. Fui eu quem propus as disciplinas de Ciência Política. Mas o Albertino tinha uma visão muito clássica das ciências sociais então, ele, por exemplo, colocou o curso de Introdução à Ciência, que era dado por um professor da física, ou da matemática no primeiro ano.

Os próprios alunos recusaram aqueles cientistas dando aula para eles. Outra coisa o Albertino falava que o aluno do primeiro ano tem que ler muito literatura clássica. Literatura mesmo! Não literatura de ciências sociais. E depois a gente viu quando surgiu a Comunidade Europeia e as universidades foram sendo integradas, que muitas vezes na Europa, não sei se isso funciona até hoje, eles achavam que você não podia fazer nada melhor do que criar para o aluno uma sólida base geral porque aí, conforme as coisas fossem mudando, o aluno mudaria com a bagagem que ele tinha. Sem esquecer, por exemplo, que tanto em Cambridge quanto em Oxford o aluno fazia cursos de letras clássicas, depois se especializava. Mas era uma elite que entrava na universidade, mas a formação dela já praticamente acontecia no colegial e ali eles podiam se dar ao luxo de se transformar em pessoas com uma sólida formação humanista. Dali eles saíam para ser primeiro-ministro da Inglaterra, ou coisa desse tipo. Era especialidade daquele *college* chamado *Balliol*.

Acho que não perderia nada um curso que tivesse essa base clássica, geral, humanística, vamos dizer assim. Mas as coisas não estão caminhando para isso fica uma espécie de utopia. Os nossos alunos cada vez mais precisariam realmente ler literatura e assim por diante. Essa ideia que está muito em voga hoje em dia de que o aluno tem que ter só aquilo que o mercado está precisando, mas o que o mercado vai precisar daqui a dez anos? Nós não sabemos, a gente tem que deixar o aluno com o mínimo de preparo para essas coisas. Se ele estiver completamente adaptado ao que hoje em dia o mercado quer daqui dez anos, eles serão descartados porque já terá outro preparado com que o mercado quer daqui a dez anos. Então, nós estamos numa situação que temos até que defender a própria existência do ensino.

Ninguém podia imaginar isso. Nós estamos sobrevivendo para ver se a coisa muda. O processo de destruição que o Brasil sofreu é absolutamente inacreditável em todos os sentidos. Quantas coisas foram destruídas sistematicamente? Pelo menos dez coisas: a educação está entre elas. O que o país vai ganhar com isso? Que classe conservadora é essa que quer destruir o país?

A Floresta Amazônica foi destruída, as populações indígenas foram atacadas. Tudo isso mostra para gente que o humanismo é uma base fundamental para resistir. Espero que a gente ainda volte a ter uma época que o Brasil se encontre, e agora nós temos uma noção muito triste, porque a gente sabe que o Brasil é capaz de gerar certas coisas que a gente nunca pensou que fosse. Então vai ser muito interessante cursar ciências sociais nos próximos anos.